

Médicos reagem ao ministro

SÃO PAULO — O presidente do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo, Arlindo Chinaglia, rebateu as críticas feitas aos servidores médicos pelo ministro da Saúde, Alcení Guerra, e rotulou como "shows" as inspeções de surpresa feitas pelo ministro em hospitais da rede pública. "Ele é uma cópia mal acabada do Collor, na linha do show deve continuar", comparou Chinaglia, que também é presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) paulista. "Até agora ele não apresentou nenhuma proposta concreta, por exemplo, para a desnutrição, combate às endemias, a meningite, e com as denúncias aos médicos tenta eximir a responsabilidade do governo", disse Chinaglia.

Os presidentes da Associação Paulista de Medicina (APM), Celso Guerra, do Conselho Regional de Medicina (Cremesp), Heitor d'Aragona, e do Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo, Mônica Valente, juntamente com Chinaglia, apresentaram ontem os resultados das *blitz* promovidas em conjunto pelas entidades em 15 hospitais da rede pública, desde outubro passado. Eles responsabilizaram a falta ou malversação de recursos pela desativação de leitos, deficiência de pessoal e degradação das unidades no estado de São Paulo. Também reafirmaram a condenação aos profissionais omissos.

Dados — De acordo com os dados apresentados por essas entidades, dos cerca de 4.500 leitos

hospitalares da rede pública estadual, 1.000 estão desativados. No Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, funcionam apenas 50 dos seus 200 leitos. Dos 1.500 hospitais próprios do Inamps, apenas metade está disponível e, na rede municipal, 250 dos 2.000 leitos também estão desativados. "Precisaria um aumento de 30% no pessoal, especialmente da área de enfermagem", acredita Mônica. Além disso, ela defende uma política de treinamento e reciclagem dos funcionários dos diversos níveis — de médicos a atendentes — como forma de motivá-los para a responsabilidade do atendimento à população.

Defensor de um sistema de saúde privatizante, Celso Guerra sugeriu que 30% dos hospitais vistoriados fossem interditados, mas recusou-se a citá-los. Entre as medidas concretas da Associação Paulista de Medicina, por quem falou em defesa do resgate da credibilidade dos médicos junto a pacientes, Guerra anunciou a criação de auditorias para melhorar a qualidade dos hospitais privados. "É com quem temos melhor relacionamento", justificou. Essas auditorias apressariam processos de fiscalização do exercício profissional no Cremesp, a quem seriam denunciados os médicos omissos ou que adotassem condutas médicas erradas. "O sistema de convênios está sofrendo distorções e se aproximando da qualidade dos públicos e não queremos isso", disse Celso Guerra.